

ANDITYAS SOARES DE MOURA

LENTUS IN UMBRA

**BARBACENA
MMI**

Esta pequenina collage de momentos na realidade não me pertence. Só existe, foi escrita e publicada unicamente graças à insistência e à genialidade daquela mulher que anseio ter ao meu lado.

Portanto, contente-se com estas poesias, que nada são além de uma opaca sombra de tua luz, minha Monique.

INTRODUÇÃO

Meu querido Andityas,
Tua poesia passeia pela história do mundo como um
[andarilho sensível e hermético.
Ela é como teu nome, estrela.
Paira sobre madrugadas e crepúsculos exóticos.
Levemente telúrica, vai exalando perfumes enquanto
[estrutura imagens belíssimas de um
jardim indecifrável e único.
O cheiro da terra, fragrância do jasmim,
[transporta-nos a um tempo onde a poesia era tudo.
Versos enxutos, de roupagens eminentemente
[atualíssimas, surpreendentemente belos, nos
convidam ao amor.
Outras vezes à solidão.
Enfim, nos incita a viver, extrair o sumo da alma.
Só nos resta quedarmos “ tranqüilos à sombra ” e
[curtirmos com deleite as belas imagens que
nos presenteia.
“ Omnia uincit Amor : et nos cedamus Amori. ”
Meu querido Andityas, graças aos deuses és poeta.

Luis Henrique Trindade

*Poeta, Psicólogo, ocupante da cadeira nº 25 da
Academia Barbacenense de Letras*

ÍNDICE

<i>Flor suficiente</i>	página 9
I – <i>Monodrama</i>	página 9
II – <i>Madri</i>	página 10
III – <i>Pax Romana</i>	página 11
IV – <i>Embolada</i>	página 12
<i>No equinócio quando os montes</i>	página 13
<i>Sistemas : organdi</i>	página 14
<i>Floritura</i>	página 15
I – <i>Plenilúnio</i>	página 15
II – <i>Arancia</i>	página 17
<i>A cabeleira</i>	página 18
<i>Spem in alium</i>	página 19
<i>Anoitece no atol</i>	página 22
<i>Romanceiro</i>	página 23
I – <i>Provençal</i>	página 23
II – <i>Epigrammata</i>	página 25
<i>Chanson</i>	página 26
<i>Traum</i>	página 27
<i>Sol pequenininho :</i>	página 28
<i>Néctar</i>	página 29
<i>Tomás de Aquino</i>	página 30

<i>Contrapunctus</i>	página 31
I – <i>Alfazema</i>	página 31
II – <i>Cânhamo</i>	página 32
III – <i>Digo-te, por que encarnar as estrelas ?</i> ...	página 33
IV – <i>Oliveira</i>	página 34
V – <i>Modinha</i>	página 35
<i>Manifesto : ilusionista</i>	página 36
<i>Cântico (ao modo lírico)</i>	página 37
<i>Minha monção</i>	página 39
<i>O valor do abismo</i>	página 40
I – <i>Âmago</i>	página 40
II – <i>Sobre a terra</i>	página 41
<i>Mulier</i>	página 42
<i>Esta perfumaria</i>	página 43
<i>Lo clavicembalo rosso</i>	página 45
I – <i>Arrossamento – modus rectus</i>	página 45
II – <i>Fragranza</i>	página 47
III – <i>Bolero infante – modus inversus</i>	página 48
<i>Momento rude</i>	página 49
<i>O muro caiado;</i>	página 50
<i>Favola</i>	página 51

*Omnia uincit Amor : et nos cedamus Amori.
Haec sat erit, diuae, uestrum cecinisse poetam,
dum sedet et gracili fiscellam textit hibisco,
Pierides : uos haec facietis maxima Gallo,
Gallo, cuius amor tantum mihi crescit in horas,
quantum uere nouo uiridis se subicit alnus.
Surgamus; solet esse grauis cantantinbus umbra,
iuniperi grauis umbra; nocent et frugibus umbrae.
Ite domum saturae, uenit Hesperus, ite, capellae.*

Publius Vergilius Maro,
“As Bucólicas”, écloga X – 69/77

FLOR SUFICIENTE

I – MONODRAMA

Respeitar
o soar agudo
da hora

exercícios anfíbios

o chão sujo
de branco convida
o eremita
a silenciosos
desesperos

Não chores pelas flores
o perfume
será teu sustento

Até mesmo teu corpo
conversaria
com a luz

o estudo me fez espirituoso

dividiremos as sombras

II – MADRI

O campo todo escuro
grama verde
sussurra delicadezas

Estás pisando o solo de sangue

Veias feéricas
saltitantes crianças maltrapilhas
Ai ! só vejo a torre da igreja

Estás pisando o solo de sangue

Um encantamento antigo
mãos e pedra
ainda agora havia um sol vermelho !

Estás pisando o solo de sangue

Para que perambular pela vila ?
um copo de vinho branco
Para que se matar no velho porto ?

Estás pisando o solo de sangue,

III – PAX ROMANA

Tu, deitada no templo, decifrando as
escuras pilastras da casa, ouve
minhas palavras metálicas. Ainda
hoje saborearei teu corpo, quer
m'ofereças, quer não. Jasmins
tenho em minha carroça para
impressionar teus gostos arrojados,
Serei um afável salteador, roubando-te
as mais pecaminosas
excitações cerebrais. Ainda hoje tu
te deitarás comigo no prado.
Afastemo-nos da cidade. Então
apresentar-te-ei vários elixires, temperos
raríssimos.

Os milênios serão nossos confessores.

IV – EMBOLADA

bolhas no riacho
vento em noite fria
névoa baixa

sono em pupilas pequenas
por que recusar o vinho ?
tão árdua é a vindima

estreito tapete de folhas
a inocência do musgo

enormes massas de ar amarelo
e morno entorpecem a saúde,
coisas rápidas entre os galhos

Oh verdes cepas ! Frutos e legumes bondosos,
grosseiros, gigantescos vegetais inocentes

Os filhotes de burro
dormem ao lado da
fogueira

finalmente os primeiros
raios do crepúsculo

NO EQUINÓCIO QUANDO OS MONTES

anunciam o ardor leve
e calmo
dum Passo distante

Faca
Prata de orvalho
dentro do matagal
cavalos beijam-se

o negro, então
torna tudo muito
quente e
oleoso

SISTEMAS : ORGANDI

Para onde ó verbo,
desterrado canoeiro, teu
cajado fez-se apenas luz,
te repôs à umidade
das línguas ?

Abrevio teus seios
no descuido de um
 ponto
 vermelho

Borboletear por cada
escuridão :

folhas tremem
suplícios
finos
fios
de algodão

ovos gigantesco
explodem entre as
 nuvens

mar se cala

súbito

FLORITURA

I – PLENILÚNIO

É preciso
que
existam
alfinetes
e
seixos

opressões longínquas

o olho do pássaro
torna-se
amêndoa
o menino
sorri
na claridade
triste e comovente da estação

A sombra de todos os
mundos contrai-se,
deliciosa e vazia,
no abatjour

ombros são como
dois pães
abandonados
sob a toalha vermelha

Rosto ameno
quase de uma beleza tácita
– aquela que simplesmente
exige

II – ARANCIA

As luzes
se apagam

lentas e lúbricas
como se olhos
fossem de improváveis
feras

Para onde agora, que
o caminho é sem fim ?

Gosto de tâmaras azuis

Para onde agora, que
o caminho é sem fim ?

lençóis conservam ainda a
loquacidade de conversas cansadas
e alegres, oh majestades inflexíveis !

Para onde agora, que
o caminho é sem fim ?

terras já tristes e cáusticas convidam
teus alumbramentos a folgar

Para onde agora, que
o
caminho é sem fim ?

SPEM IN ALIUM

Guardar a obra
em pequeninos
espaços

respirar o alho, o sal
ainda tocar
um sino
de rúcula e carne

hoje as crianças não têm aula
não precisam acordar
na madrugada gelada

como me doía o cabo da
escova de dentes mal
segurada entre dedos
que não podiam largá-la !

Ah delírios !
“ Tu serás hiena etc ”

Sempre um manifesto
a cada minuto
esquecido após

hoje, de manhã,
nas escadas do pátio.
ao subir vi
 que tudo voltava
para o local cotidiano
na imensa engrenagem dos dias
qual ciência poderia afirmar-se
se assim não fosse ?

Ter as raças no profundo
da bolsa.

Amedrontarei todos os bebês
serei incrível !
 por terras de moluscos
 espalharei meu evangelho
 de muitas
 muitas
 palavras

terei tuas unhas
conservadas, talvez,
em mármore ?

Agora já são dois
 grandiosos retângulos negros.
 englobam o céu

dormir, senhora, nas beiras
do mato e, folgazões,
cuspir na torpeza do lenho

Punhal de aço, de ar
corta a tarde
ainda há segundos
atrás
dormias
não sem preocupações

sentir
a ponta de dedos curtos e
frágeis
um grande terror
nos impressiona
– terei realmente a despido ? –

e mesmo deste modo o velho caminha descalço pela areia desonesta que regularmente cobre-se de mar. seus pés parecem acostumados com todos aqueles pequenos pedaços de crosta terrestre. há quase uma satisfação em desviar-se das conchinhas que por uma razão ou outra decidimos poupar do indefinível sepulcro arenoso. seria incômodo notar que já não existem risos ou pegadas de crianças neste horizonte vermelho. portanto, não notamos. tudo que consegue transparecer – além daquele insofismável gaguejar de vento – é a bola melindrosa e nem um pouco serena, que estrategicamente colocada (de forma perpendicular) no fim do oceano – certo é que o oceano, apesar de vasto vastíssimo tem um ponto final – cisma em dirigir os raios de um contraforte cruel, aquoso, invisível e até mesmo amarelo para os últimos fios de cabelo que restam ao ancião. que caminha chega à orla chega e sente peixes imaginários beliscarem os dedos de número 1, 3, 7 e 12 de seus pés : exprimir a riqueza da espuma. eis o que deveria conter aquela profunda meditação senil, mas a única coisa que consegue lembrar, enquanto entra filialmente no mar que vê pela primeira vez, são as deliciosas nádegas de sua amiga tocá-las beijá-las desenhar nelas antigas figuras primitivas. ele entra completo no mar que não é nem bravio nem amigo. É água. O ancião não é nem velho nem triste nem esperto quando sente o sal que alimentou ictiossauros preencher lentamente o espaço que sempre existiu entre suas unhas e a carne, (emocionada, por fim,) que há por debaixo delas. É homem.

ANOITECE NO ATOL

ROMANCEIRO

I – PROVENÇAL

Ah, um esquecimento !
A máquina ainda é humana

Sucumbe, coração

Não deixeis o melro
livre
agulhas entre as pernas
o silêncio de um
único peixe
na lagoa

Por que trilhas ?
Os simplórios aldeões
constroem seus próprios
bustos com rabanetes
cenouras
e melancias

Meu sono às 06:30 da manhã
recusa-se a acreditar em um mundo
fraterno
peço desculpas aos homicidas

planejo loucas escapadas carregando
sangue nos bolsos

Sucumbe, coração

Os cavalos correm
na noite sem fim
areia e mata
os cascos são como pedras de gelo

límpida sensação de desmaio
coletivo
mãos imaginárias
lavam a consciência do dia

e mais
rápido
padece,
coração

II – EPIGRAMMATA

Sempre pareceu-me evidente
que minha casa só existiria
à noite. Mesmo assim, todas
as alcovas se abriam para
uma olhadela fatal. O porquê
das serpentes. Poeira e água
misturavam-se naquele dia,
enquanto a razão cedia
alegremente à insofismável
sensualidade, ao desejo
do coito superior ...

ainda assim,
persiste a
idéia das espigas douradas

dentro da ventania fria
(eia ! esta rutilância, este constante
dar de ombros – esta aventura !)

os
cavalos
correm

na
noite
sem
fim

areia e
mata

os cascos
são
como
pedras
de
gelo,

CHANSON

Tudo que restou
do
silêncio

grande
foi uma
açucena
plantada nestes pés

lírio ou jasmim
a espera do
pólen
foi proibida
pelos tiranos

abraçei o
abismo
o lago nem sequer
foi citado em crônicas ...

Por onde andas, saberás

TRAUM

Pêssegos
vermelhos nascendo
raios
 de surda experiência
ocaso
 finas rasuras
 em tua
 epiderme

a hora escoá
 barcos preparados
 para partir

De áreas distantes
vêm suspiros
 – fôlegos de ar –
que não
 podem subsistir

Em um instante : o bejoin

 a seda, a púrpura
as abelhas vindo
ameaçar a
 solidão

Em um instante : perder as nuvens

SOL PEQUENINHO :

Ontem,
florações do outono
lanças verdes premiando as terras baixas

preguiça de marrecos,
descansam os calendários dos homens
dentro de grandes
 profundas
 cavernas
 silenciosas

os meninos verão filmes pornográficos
hoje de madrugada
já que todos
 dormem

 dormem

NÉCTAR

Letárgico,
sustento a iguaria doce
em torno dos joelhos :
assustados ? desencarnados ?

Sur les champs
ainda agora, sem qualquer
inocência ou pudor

as águas celestiais !
bem me lembro
que corriam negras
das bocas de anjos

ora, por este apelo
eu esquecerei as dívidas
as que o sangue nos impõe
a cada rebelião

águas

Sueño, sueño verdadeiro como
celestiais comer pedaços de frutas
misturadas

! : e saber exatamente
qual é a

manga – abdomen
qual é a cereja lábios
e qual

é o mamão
nada digo do :
morango olhos fechados

TOMÁS DE AQUINO

toda prece
verdadeira termina
em um gozo inacessível
de
magnólias

torturar os gostos
séculos a fio

até que saibas
lamber com
a língua

– laranjas nos laranjais

: o prazer
do dia
que se acaba

CONTRAPUNCTUS

I – ALFAZEMA

Sensíveis hábitos
de cigarrilhas
empoeiradas

copos vazios
brilhando

tuas ansiedades
juntas, dentro
de conservas
de amora

Ainda uma imagem
a lavar o matiz
fundo da tarde
o jovem semeiro
caminha entre os
túmulos

a plantação de tomates
se contorce de frio

III – DIGO-TE, POR QUE ENCARNAR AS ESTRELAS ?

Digo-te, por que encarnar as estrelas ?
Não basta o imoderado remorso
das primeiras horas do amanhecer ?
 valeria o céu e o mar inteiro
 o gosto sórdido de uma
 lembrança afogada
 como criança monstruosa ?

conchas espessas
crescem ao redor
de teus seios

 espíritos em cada
 guarda-chuva
 impedem a
 tão aguardada
 apalpadela
 na nuca

ainda assim,
insisto :
 sem roupas íntimas
 por baixo do
 vestido novo

IV – OLIVEIRA

a entrega amena
do último trigo deste
verão

soluça com gosto, senhorinha !

o cão peludo
dormiu entre a fogueira dos
ciganos e a menina louca

soluça com gosto, senhorinha !

Vendem ameixas amarelas
e suculentas no mercado
o barbeiro diz que são
envenenadas

soluça com gosto, senhorinha !

V – MODINHA

guardo o trem
chapéu na mão
sapato polido tal qual ferradura
terno alinhado, polainas
e um girassol
na lapela

tua memória
escorre
nos banhos quentes
de Tebas

cada gota
é uma
sede nova

	pausa	
pernas		os relógios
nem		nadam em
longas		nossos pulsos,
nem		e desaparecem
curtas		quando realmente
terminam		desejamos
em		
finos		
pés		
de		
cristal	de cristal	cristal

MANIFESTO : ILUSIONISTA

ainda tenho a primeira
mordida guardada em uma
caixinha de veludo
de marfim, se
quiseres

o fumo seco
resvala nas
escuridões

da ponte
São tuas companheiras
em jogos contraditórios.

assim como crocodilos,
expõem-se ao calor
matinal;
e se ninguém as reconhece,
atormentam com pesadelos
o sono dos bebês de colo

CÂNTICO (AO MODO LÍDICO)

Amiga, amiga bela
tu não possuis mácula

teus olhos são como
a oliva fresca colhida na madrugada
teus pés são mais belos
que pequenos filhotes de leão
deixados para brilharem ao sol

Tu és bela, amiga minha
tua voz escapa da boca e
convoca os Reis dos quatro
impérios a venerar a escritura
teus tornozelos lembram as
serpentes negras do Nilo que
se beijam ao morrer em danças
frenéticas
teu seio é pão maturado
nas ricas fornalhas do Cairo e
de Alexandria, onde as concubinas são de vidro

tua mão é bendita e
tudo que dela tira o
sustento será adorado pelo povo no Templo

teu amante é garboso e valoroso
tua mãe abençoada está
teu pai não se queixa da terra
teus servos são zelosos e modestos
tuas cabras e camelos, saudáveis
assim como teu jardim é o mais
rico em diversidades de verduras e
dulçor de frutas
tuas servas, boas cozinheiras
e teu palácio é um ninho de mergulhões vermelhos

MINHA MONÇÃO

Águas que
correm
para onde os tigres
estão

bem longe, aqui,
a chuva bolhas
na noite brincam com as algas

as pequeninas filhas
seguem as mulheres na busca
incestuosa de
cometas

inatingíveis.

 cães e gatos
 nos lembram
que a ternura é pouco mais
que um beijo antes
de dormir

O VALOR DO ABISMO

I – ÂMAGO

Dama,
pelo fruto não se constroem
cidadelas, não se formam
rios impunes de cólera,
por cavalgar não se
nivelam estrelas

silvestres silvos
locus amoenus
entre pernas corredoras

ah ! o estigma do vinho
ah ! o esquecimento
no jardim !

II – SOBRE A TERRA

Sobre a terra não se
escava mais, não se pode
falar há não ser com sobressaltos
incríveis

Há ainda alguns
que choram – ó desmedidos,
teus corações são como
bolas de odores tácitos

eu, por mim, presto
homenagem a todos

– “ todas as horas mineiras
são boas e simples ”

MULIER

Que orgulhosa ramagem é esta que tapa teu belo sexo ?
Acaso podes esconder aquilo que não te foi dado no
início ? Definhas, respiras e expiras pelo único
fogo – lagarto fiel e onírico que jamais esfria –
suficiente para arrancar-lhe suores. Ainda
assim, vejo-te em diferentes regiões e temperamentos.
O arroseado transtorno das épocas vaporosas, o peito
pende resoluto. Que deleites extraordinários poderiam
cegar-te as inflexões provinciais, o jeito econômico
de dizer adeus ? Portanto, o sempre renovado gotejar
de delícias, os vícios que, não estando ausentes, tocam-se
reciprocamente, em uma renovada alegria de dosar
as volúpias !

ESTA PERFUMARIA

Bem cedo
a quietude
peixes no aquário
da névoa
brotam ampulhetas
sóis gelados
aquecem velhas
cadeiras verdes

– Toda essa conversa sobre horizontes
deixou o vagabundo santo
enjoado –

civilizações
de terracota
punir grilos negros
tal o jade

Ora, o campo aberto
a levedura fecunda
o vento sempre forte
o vento sempre forte
o vento sempre forte

faz as roupas
deslizarem bêbedas
no dorso

Ainda felinos caminham
sobre almofadas
as folhas farfalham
mesmo o eclipse
se derrama
 são teus irmãos

Boa noite !
Boa noite !
Já soaram os relógios do silêncio
a plantação está dourada
o milho é bom então !
Boa noite !

LO CLAVICEMBALO ROSSO

I – ARROSSAMENTO – MODUS RECTUS

Lembrança :

a uva
recolhida
ao frio

bebes comigo ?
não t'enterneças
é
água

bailar por
torres
de quadris

bebes comigo ?
da mais pura
acqua
?

escuro
em pétalas

neste momento,
a vidraça
transmite-me
o medo

vermiglio

o medo confuso
do
dia
ressurgir

II – FRAGRANZA

Percorrerás algum dia a gama
imensa de cidades do mundo
e sem embargo não poderás
esquecer o rosto de teus
cães mais leais

D'onde deduz-se que o oceano é mais que uma
cruz no deserto do universo; cravejei
este ventre com soluções para
os mais variados problemas
– entre eles está a
paixão pela posse matinal

Por vezes, a substância, adiantada,
t'entorpece as narinas – é um rico
perfume de imperatrizes belicosas
e más
Ainda assim, consumes o
suficiente da sombra

a luz, muito longínqua
apenas responde
mordendo a língua entre lábios gostosos

III – BOLERO INFANTE – MODUS INVERSUS

Ouçã,
navegar.
este é o selo da boca, o desejo de gozar o dia

Anda, destrói com força minhas lágrimas !

as mãos pequenas dos pobres do
mundo; elas não podem te dar um
pão, quanto mais a paz eterna

Anda, destrói com força minhas lágrimas.

tudo escurece e é bom e morno
o céu. por um segundo acreditamos
nos padres. uma pomba não seria mais tonta !

– Anda, destrói com força minhas lágrimas,

Voltarei para teus acalantos
entre trevas, troncos e tribos
só o ar refrigera

– Anda, destrói com força minhas lágrimas

MOMENTO RUDE

O suave

O pérfido

o perdido

viciam nossas viagens

Havia uma estrada e um rei cego
plantando agriões azuis, havia uma
pequenina donzela e suas pequeninas botas
E como os cogumelos cresciam alegres,
parvos ! Tristíssimos patos ainda
sopravam (inconfessáveis !) trombetas.
Um país de pipoca e
roda-gigante. E tudo que sorvia
era vida

Por desejar o dia, as rosas exalam perfumes

luzes vermelhas ofendem
as frestas das vidraças
deslizam lentas como
leopardos ociosos

O MURO CAIADO;

Havia um muro
caiado onde todos
os garotos sabiam poder
esconder as frutas verdes, roubadas

Depois, o governo da província
decidiu apelidá-lo “ el paredón ”
e nenhum garoto pôde usá-lo
como esconderijo, o triste
muro cravado
de balas

No entanto, em todas as décadas
de terror nem mesmo uma gota
vermelha manchou aquela cal

nem mesmo uma gota pequena;

FAVOLA

oh
por favor,
recolha-os !

falaram-lhe :
Títiro, recolhe tua
doce fauna
tua galhada de espinhos
– as amoras, que são
os mamilos da esposa
– Títiro, recolha tua
flauta

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi
siluestrem tenui musam meditaris auena;
nos patriae finis et dulcia linquimus arua;
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,
formosam resonare doces Amaryllida siluas.

A melancolia do arpejo
solitário

a chama azul
sustenta
relâmpagos
cabelos espalhados no caos

à noite, sonhamos

Tentei escrever o PARAÍSO

*Não se mova
Deixe falar o vento
esse é o paraíso.*

*Deixe os Deuses perdoarem
o que eu fiz
Deixe aqueles que eu amo tentarem perdoar
o que eu fiz*

“Os Cantos”, esboço do Canto CXX
Ezra Pound, na tradução de José Lino Grünwald